

FUGA PARA LISBOA

Douglas L. Wheeler

IRENE FLUNSER

PIMENTEL

Judeus

**em Portugal durante
a II Guerra Mundial.
Em Fuga de Hitler
e do Holocausto**

Lisboa,
A Esfera dos Livros, 2.^a ed.,
2006, 435 páginas

O título desta importante investigação histórica descreve apenas parcialmente o conteúdo do livro; de facto, o título é demasiado modesto. Pois este é um estudo de mais do que das origens, chegada, presença e impacto dos emigrantes judeus em Portugal na II Guerra Mundial. É também uma análise extraordinariamente alargada de toda a questão dos refugiados, bem como de elementos-chave da história política e governamental de Portugal desde inícios da década de 1930 até ao final da II Guerra Mundial. É igualmente um estudo de um conjunto de diversos aspectos da vida no Portugal de então: da diplomacia, da polícia política (PVDE até finais de 1945), de operações secretas e não tão secretas e de mistificações de alguns serviços secretos de nações beligerantes e não-beligerantes, de refugiados não-judeus e emigrantes em Portugal, da economia, do impacto destes refugiados na cultura popular e na sociedade do País, dos meios de comunicação portugueses e da propaganda de guerra entre representantes das agências de notícias e diplomatas beligerantes; de questões legais relacionadas com a che-

gada, estada e partida de emigrantes, e uma avaliação da política nazi com respeito aos emigrantes judeus e não-judeus que se opunham ao nazismo e ao III Reich. Tudo somado, a par das anteriores investigações históricas sobre Portugal durante a II Guerra Mundial realizadas por académicos portugueses como António Telo, Fernando Rosas, António Louçã, e Júlia Leitão de Barros, esta obra deverá ter o seu lugar e ser reconhecida como uma importante contribuição complementar. O livro é em parte um trabalho de colaboração que tem uma dívida para com a socióloga alemã Christa Heinrich que em 1989 começou a investigar entre a comunidade alemã de Lisboa a questão dos judeus em Portugal na II Guerra Mundial. A pesquisa por detrás do livro tem também uma ligação a uma ilustre instituição privada em Lisboa, a Livraria Buchholz, cuja comunidade de clientes e funcionários incluía a autora, Irene Flunser Pimentel, uma empregada da livraria nos anos 80. Por razões não totalmente claras, Christa Heinrich não surge mencionada como co-autora, apesar da inclinação de Pimentel para o fazer, mas na

primeira página do livro lê-se, por baixo do título, «Com a colaboração de Christa Heinrich».

A quantidade de documentação consultada é verdadeiramente impressionante. Foi feita uma meticolosa pesquisa em arquivos privados e públicos em Portugal, na Grã-Bretanha, em Israel e nos Estados Unidos; foram consultadas publicações periódicas de relevo nestes países, bem como trabalhos de referência e outros; foram conduzidas entrevistas pessoais e consultados trabalhos académicos inéditos (como a importante tese de mestrado de Ansgar Shafer), assim como fontes da internet, etc. Fontes impressas alemãs parecem também ter sido estudadas exaustivamente. A única reserva do autor desta recensão quanto à bibliografia é a de que importantes fontes impressas anglófonas, algumas delas publicadas em português, não foram utilizadas ou tidas em conta, especialmente no que diz respeito às investigações feitas após 1988 sobre o caso do diplomata-salvador português Aristides de Sousa Mendes (1885-1954)¹.

A aproximação do livro ao tema é mais ou menos cronológica e começa com a subida de Adolf Hitler ao poder na Alemanha no princípio de 1933 e termina com o fim da fase europeia da II Guerra Mundial em Maio de 1945. Há uma aprofundada discussão de como as leis e normas portuguesas relativamente à emigração, passaportes e vistos tiveram influência no destino dos refugiados judeus quando estes procuraram abrigo em Portugal, desde o início da década de 1930, mas em massa após a imposição de leis anti-semitas mais restritivas a partir de inícios de 1938 e após a

invasão alemã dos Países Baixos e a queda da França na Primavera de 1940. É incluída uma importante história social especialmente de judeus alemães e austríacos, alguma dela, com efeito, história familiar, quando a autora analisa a crise de refugiados que assolou Portugal na Primavera-Verão de 1940, e até para além disso. Abordam-se minuciosamente os esforços de vários diplomatas portugueses, incluindo o referido Sousa Mendes, para ajudar os refugiados emitindo um grande número de vistos de entrada em Portugal. Utilizando tanto registos públicos como privados, este trabalho oferece o mais completo estudo feito até à data do número de refugiados que obtiveram tais vistos; no caso do frenético (e fatídico) emissor de vistos, o cônsul português em Bordéus, Irene Pimentel proporciona a melhor estimativa feita até ao momento sobre quantos refugiados chegaram a Portugal, uma contribuição importante dada a prevalência em alguns estudos de números exagerados ou mistificados.

OS OUTROS REFUGIADOS

No entanto, na abordagem global da questão dos refugiados em Portugal na II Guerra Mundial, os leitores devem ter em conta que os refugiados judeus mais não eram do que uma minoria entre todos os refugiados que chegaram ao País. Deve ser igualmente considerado que enquanto um dos principais assuntos tratados no livro é o dos refugiados de língua alemã e de ascendência judaica, a maior parte dos refugiados que chegaram a Portugal, particularmente em 1940 e 1941, não falavam alemão e eram originários sobretudo da

França e dos Países Baixos, da Polónia ou de outros estados da Europa Central; entre eles contava-se até um número de deslocados americanos e latino-americanos. Este estudo toma como ponto de partida as histórias familiares de vários refugiados alemães e austríacos que quiseram escapar para Portugal, mas, no contexto das relações externas de Portugal e da questão dos refugiados nos anos 30, antes da subida ao poder de Hitler em 1933, o País havia enfrentado brevemente uma significativa crise de refugiados espanhóis. A anterior experiência de Lisboa com as pressões e os perigos dos refugiados nas fronteiras e em portos e aeroportos começou em Abril de 1931 com a queda da monarquia e a implantação da II República na vizinha Espanha. Esta crise espanhola conduziu ao êxodo de elementos das classes média e alta de Espanha para Portugal; Portugal viu-se confrontado com o pedido de asilo de milhares de refugiados espanhóis. Se bem que a dimensão da questão dos refugiados espanhóis fosse menor, e muitos deles gozavam de situações financeiras bem mais desafogadas do que as posteriores ondas de refugiados da II Guerra, essa primeira vaga trouxe novas pressões internacionais a Portugal, pressões que aumentaram quando a Guerra Civil Espanhola estalou, em meados de 1936. Um dos pontos fortes do livro é o claro e completo retrato da comunidade judaica em Portugal, ou, tal como a autora a descreve, a CIL, ou Comunidade Israelita de Lisboa, uma história raramente contada. Há muitas informações interessantes sobre esta pequena e muito unida comunidade no período de 1933-1945, incluindo infor-

mações biográficas úteis sobre figuras proeminentes como Moses Amzalak, bem como de personalidades mais jovens como Yvette Davidofe, uma emigrante que chegou de Viena via Paris em 1938. O fascinante retrato da comunidade, estabelecida sobretudo em Lisboa, foi baseado em parte em entrevistas pessoais feitas a membros da mesma. Esta nota demonstra também como, apesar dos desafios colocados pelo confronto de dogmas e ideologias, a autora conseguiu manter uma admirável objectividade e equidade no julgamento.

ESPIÕES E VIDA QUOTIDIANA

A espionagem internacional é também discutida em algum detalhe no capítulo VI, «Portugal, um país neutral, na II Guerra Mundial,» especialmente nas páginas 281-316, com abundante informação principalmente retirada de fontes impressas e de arquivos portugueses. Neste e na maioria dos outros capítulos, Irene Pimentel explora minuciosamente os arquivos da PVDE na Torre do Tombo, em Lisboa. Grande parte desta intrigante análise é simultaneamente exacta e completa, apesar de algumas falhas menores. Ao abordar o sistema britânico de contra-espionagem em tempo de guerra, a autora sugere que esta operação de agentes duplos havia sido lançada pelo departamento de contra-informação (V) do MI6 (Serviços Secretos britânicos) quando de facto a operação era monopólio do MI5 (os Serviços de Segurança) e das suas comissões (p. 292).

Este livro proporciona a imagem mais completa de como era a vida de vários tipos de refugiados em Portugal, desde o aumento crescente do custo de vida, os

alojamentos e outros locais onde aqueles se concentravam, a história social, o entretenimento, quais as organizações privadas com representantes em Portugal que prestaram auxílio aos refugiados, quer para sobreviverem à sua estada em Portugal quer para conseguirem partir, até às dificuldades com a burocracia portuguesa, especialmente com a PVDE, que era a entidade responsável pela emigração e serviços de fronteiras, portos e aeroportos. Ao mesmo tempo que são contadas muitas «histórias» de indivíduos e de suas famílias, quer de refugiados como de outros residentes estrangeiros, a autora nunca «perde o fio à meada»; a estrutura histórica e institucional, incluindo a forma como o Governo se relacionava com os refugiados, é sempre fornecida, a par das histórias de casos particulares, especialmente durante o período de 1939 a 1945.

Um dos capítulos mais potencialmente controversos é o VII, intitulado «Portugal e o Holocausto, 1943-1944». Nele a autora explica como o regime nazi planeou e executou o Holocausto, o assassinio sistemático de mais de seis milhões de judeus na Europa ocupada pelos nazis, e mostra como os diplomatas portugueses na Europa ocupada se esforçaram por salvar judeus da morte através da concessão de vistos e de asilo político. Esta história é levada até ao ano de 1944. O que fica a faltar é a resposta à questão: como reagiram os meios de comunicação do Estado Novo, e os seus dirigentes, às trágicas notícias do Holocausto?

Este estudo termina com uma tentativa de resposta a uma outra questão: que impacto

tiveram os refugiados residentes na sociedade portuguesa, bem como na política e na economia? Irene Pimentel afirma que em Maio de 1945 poucos refugiados judeus ou não-judeus permaneceram em Portugal e que a maioria partiu para outros países. É feita a comparação com o caso do impacto dos artistas e intelectuais judeus que se refugiaram nos Estados Unidos após 1933, especialmente nos círculos académicos, artísticos e científicos, e a autora documenta convincentemente o facto de que, à excepção de uma mão-cheia de emigrantes que eram industriais, alguns artistas, músicos e decoradores, poucos permaneceram no Portugal do pós-guerra. A autora enumera os nomes desta dúzia de pessoas que optaram por ficar depois da guerra e, entre elas, este historiador reconheceu o nome de apenas um, o maestro e compositor Álvaro Cassuto. Na sociedade portuguesa, pelo menos ao nível da elite, a vaga de refugiados de guerra teve o seu impacto na mudança de atitudes, costumes e ideias, especialmente em termos culinários e na adopção de estilos de vida e maneiras de pensar mais liberais; todavia, em termos sociais mais vastos, este impacto terá sido pouco significativo.

OS RECEIOS DE SALAZAR

Por que é que Salazar e a elite governante do Estado Novo, quando a maior vaga de refugiados chegou, no início de 1940, não aproveitaram a presença destes distintos estrangeiros para introduzir transformações, enriquecer a cultura e revigorar uma economia debilitada? Aqui, a autora argumenta que Salazar e os seus sequazes temiam determinado tipo de influências

destes estrangeiros residentes, além de que as restrições à liberdade de expressão, de imprensa e de reunião numa ditadura isolada terão desencorajado muitos dos refugiados a permanecer no País após a guerra. Ainda assim existe uma história de sucesso no que diz respeito a tirar vantagens dos recursos de determinados refugiados em benefício de Portugal – o impacto que teve em Portugal um refugiado da França de Vichy, o financeiro e colecionador de arte arménio Calouste Gulbenkian, que procurou refúgio em Portugal na Primavera de 1942. Gulbenkian optou por se instalar em Portugal a seguir à guerra e, depois da sua morte em 1955, a cultura e a sociedade portuguesas beneficiaram de várias maneiras de uma grande parte do seu património por via da Fundação Calouste Gulbenkian. O filho de Gulbenkian, Nubar, é mencionado neste livro, mas não a história de sucesso de como a elite governante portuguesa soube tirar vantagem, talvez em mais do que um sentido, de uma tão rara oportunidade. Apesar de esta família não ser uma família judaica, e de possuir uma fortuna maior do que a maioria, foi igualmente um exemplo de uma das muitas minorias

assediadas, postas em perigo e perseguidas que deixou a Europa nazi para se instalar em Portugal, e a extraordinária história de Gulbenkian é parte integrante da história dos refugiados em Portugal.

A obra termina com as opiniões sobre Portugal de vários refugiados que ficaram profundamente tocados pelo encontro com o cenário português e com as suas pessoas. Ao partir para a América, eles disseram adeus à Europa com Lisboa como a última imagem. De certa forma, tal como a autora convenientemente sugere, a experiência europeia dos refugiados sublinhou a ideia de que Portugal era uma parte da Europa. O autor desta recensão não pode concluir sem referir a excelente documentação fotográfica do tema dos refugiados, imagens que conferem uma textura especial a esta história. A minha avaliação deste importante trabalho é de que é um marco no estudo dos refugiados em Portugal durante o crucial período de 1933 a 1945 e de que nas décadas futuras, quando os estudantes abordarem este assunto, terão de designar o tempo da contribuição como «antes ou depois do livro de Pimentel». *RJ*

TRADUÇÃO: INÊS DUARTE SOARES

NOTAS

¹ Entre estes trabalhos encontram-se artigos do autor desta recensão incluídos em publicações periódicas como a *Luso-Brazilian Review* (vol. 26, n.º 1, Verão de 1989, pp. 119-139,

«And who is my neighbor? A World War II hero of conscience for Portugal»), *Portuguese Studies Review* («Consul of Conscience,» vol. 2, n.º 2, Primavera-Verão de 1993, pp. 66-85),

sendo que este último foi traduzido e reimpresso num volume editado por Caroline Brettell – *Portugal: O Indivíduo e o Estado*. Lisboa: Fragmentos, 1994, pp. 83-110.